



JESUITAS BRASIL

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 399 | vol. 24 | 2026



Por uma política da filosofia

Sandro Chignola

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 399 | vol. 24 | 2026

Por uma política da filosofia

Sandro Chignola

Professor visitante na Universidad Nacional de San Martín (UNSAM),
Buenos Aires, e doutor em História do Pensamento Político e das
Instituições Políticas pela Universidade de Turim, Itália

Tradução de Augusto Jobim do Amaral



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 399 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Tradução: Augusto Jobim do Amaral

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Por uma política da filosofia

Sandro Chignola

Professor visitante na Universidad Nacional de San Martín (UNSAM),
Buenos Aires, e doutor em História do Pensamento Político e das
Instituições Políticas pela Universidade de Turim, Itália

Desta vez não falarei diretamente sobre Foucault, mas tentarei explicar o que, entre muitas outras coisas, aprendi ao estudá-lo por um longo período. Mas também falarei sobre o porquê de ter começado a estudá-lo. Isso pode parecer uma questão fútil, mas, na minha opinião, não o é de forma alguma. Muitas vezes, no âmbito acadêmico, não se explicita o motivo por trás das pesquisas que se opta por realizar ou da escolha dos autores que as sustentam. Para mim, ao contrário, essa é uma questão central e contribui para esclarecer, justamente, o problema da expressão “política da filosofia”, que, na edição italiana do meu

livro sobre Foucault, foi usada como subtítulo.¹ Vou dizer isso de forma direta, para tentar explicar melhor a seguir: não me interessa a filosofia política – que, aliás, eu ensino – como um campo simplesmente delimitado pela divisão acadêmica do trabalho – ou seja, a filosofia política entendida como um cânone autoral (como se Aristóteles, Hobbes ou Hegel pudessem ser estudados como filósofos políticos nas obras que dedicam explicitamente à política, isolando-os de todo o resto...) ou como um discurso crítico-normativo sobre a política (como se nosso julgamento pudesse ser imposto de fora sobre uma realidade política disposta a aceitá-lo) –, o que me interessa, e acredito que seja exatamente esse o gesto foucaultiano, é uma política da filosofia, entendida como a responsabilidade política que devemos assumir também no campo da filosofia, se não nos é concedida uma posição de distanciamento em relação às coisas e se a filosofia, como qualquer outro conhecimento, não é um conhecimento neutro. Não existe um fora em relação à circulação do poder e, portanto, seu efeito de verdade – que muitas vezes corremos o risco de reproduzir sem nos darmos conta, mesmo no âmbito do discurso acadêmico ou científico – realiza-se também por meio de nós, se não problematizarmos o significado do que fazemos, mesmo que

1 A primeira edição é de 2014 *Foucault oltre Foucault: Una politica della filosofia* (DeriveApprodi, 2014) e ganhou uma segunda edição expandida e revisada com o título *Foucault oltre Foucault: Una politica della filosofia – Seminari* pela mesma Editora em 2022. Neste meio tempo, alcançou uma tradução em língua espanhola, em 2018, *Foucault más allá de Foucault: una política de la filosofía* (Editorial Cactus) e uma edição em língua inglesa ano depois, *Foucault's Politics of Philosophy. Power, Law and Subjectivity* (Routledge, 2019). A primeira edição em português veio em 2020 pela Editora Criação Humana *Foucault além de Foucault: uma política da filosofia*. A versão mais atual *Foucault e a política dos governados* foi recentemente publicada pela Sobinfluência (2025). [N. T.]

seja simplesmente ao escolher ministrar uma disciplina em vez de outra, ou organizar um seminário, apenas porque o tema é considerado “interessante”.

Parece-me que Michel Foucault, desde a investigação genealógica sobre as estruturas do poder até a política de si e as práticas de subjetivação – em suma, na continuidade em que se insere sua obra desde os anos 70 até o fim prematuro de sua vida –, colocou-se, entre outras coisas, exatamente diante deste problema: o problema do posicionamento do pensamento no presente em que se pensa e no lugar a partir do qual se pensa.

O que isso coloca em questão é uma série de consequências. Eu dizia há pouco que a filosofia política não coincide com a série de autores que geralmente são apresentados como componentes de seu cânone. Refiro-me à série de nomes e obras listadas em qualquer manual de história da filosofia política. E, no entanto, a filosofia deve ser estudada com precisão cirúrgica em seus textos, creio eu. Um clássico é um clássico pelos efeitos políticos que ele por si só produz, mesmo que apenas pelo fato de ser assimilado, acolhido ou contestado.

A filosofia é política, pois não há filosofia cujo pressuposto não seja a operacionalidade do verdadeiro: sua organização como enunciação ilocutiva ou perlocutiva, sua reprodução como nó, recepção, implantação de um novo plano paradigmático que orienta as respostas ou os próprios contra-argumentos, sua orientação como sequência voltada para a institucionalidade. Não há filosofia – ou, pelo menos, é nessa distinção que, em minha opinião, deve ser estabelecida a diferença entre o que é um “clássico” e o que não o é – que não produ-

za efeitos cujos reflexos políticos possam ser imediatamente percebidos e destacados. Abordar a filosofia em seus textos – ou seja, naqueles textos que se revelam clássicos pelo nível de institucionalização discursiva que se mostraram capazes de alcançar (desencadeando uma recepção, traçando o plano e a legitimidade específica para as contrarrespostas, organizando escolas, atuando como vetores de autênticas, precisamente, políticas da filosofia – ou seja: decretando a obsolescência de outras sequências argumentativas, temas ou autores, delimitando o campo do dizível, amenizando o atrito do poder, especialmente desde que a filosofia se tornou filosofia assalariada, disciplina exclusivamente, ou quase, universitária) – significa, a meu ver, abordar o sistema das práticas da filosofia no campo de batalha da história.

Práticas da filosofia, precisamente. É claro que, aqui, o genitivo deve ser entendido tanto no sentido objetivo quanto no sentido subjetivo. No sentido objetivo, quando a análise é conduzida nos campos do conhecimento que a filosofia ajudou a fundar e a delimitar: o campo dos conhecimentos do direito, das ciências sociais, das literaturas e das próprias ciências exatas. Uma análise, mais uma vez, que não pode deixar de recorrer à história como instrumento fundamental: história dos sistemas de pensamento, história dos conceitos, história dos problemas. Michel Foucault, exatamente nesse sentido – ou pelo menos no sentido em que eu o interpreto –, dizia, aliás, que seus livros deviam ser entendidos como “fragmentos filosóficos em canteiros históricos”² e que a filosofia, no fundo,

2 “des fragments philosophiques dans des chantiers historiques”, M. Foucault, *Table ronde du 20 mai 1978*, in *Dits et écrits II*, 1976-1988, Édition établie sous la direction de D. Defert et F. Ewald avec la collaboration de J. Lagrange, Gallimard, Paris 2001, pp. 830-853, p.

só adquiriria seu sentido fora de si mesma, quando se tornasse, ao conjugar genealogia e investigação, imediatamente política e integralmente histórica.

Práticas da filosofia no sentido subjetivo do genitivo, por outro lado, quando se estudam os efeitos de verificação da filosofia em relação ao que a filosofia, a cada momento, estabeleceu como a normatividade de seu próprio paradigma. Colocar as coisas dessa maneira, parece-me, permite tirar algumas conclusões provisórias. A primeira é, como aliás defendi um pouco acima, que, pelo menos no que me diz respeito, a filosofia política não circunscreve uma seção específica da textualidade filosófica. Não há filosofia que não seja, que não produza, que não esteja atravessada e constituída pela política, se por política entendermos não o cone de sombra projetado pelas instituições de ponta do Estado e de seus aparatos, mas sim o sistema geral dos nós organizacionais da prática ou o conjunto de traços que marcam e orientam os fluxos da comunicação, delimitando campos, saberes, léxicos técnicos e disciplinas que colocam a realidade à disposição dos poderes.

Uma segunda conclusão diz respeito à desconstrução do lugar da filosofia em relação à política e à história. No que me diz respeito, é fácil demais admitir que não existe um fora da política e da história. Não há um lugar em que a filosofia possa desenvolver seu próprio cânone normativo em relação à prática, nem um lugar para onde se retirar e, assim, defender sua pureza, diante da babelônia discursiva que marca o caos ensurdecido da história. Fazer filosofia – e isso

840 [ed. bras.: M. Foucault. *"Mesa-redonda em 20 de Maio de 1978"*. In: *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos IV*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 335-351].

marca, pelo menos para mim, uma ética do trabalho intelectual – significa posicionar-se dentro do campo de forças, tensões e impasses que a experiência descreve e que afeta de pleno o próprio estatuto do discurso filosófico, tanto na sequência monumental de seus textos e autores quanto na cadeia de efeitos que qualquer intervenção – resenha, livro, aula ou seminário – por parte de quem, especialmente na universidade, estuda ou escreve, produz, quer se queira ou não. Considerar, como talvez alguns ainda tendam a se iludir, que fazer filosofia signifique defender uma espécie de distanciamento irênico das coisas mesquinhas da política ou que esta possa ser orientada, esclarecida ou discutida, no que diz respeito aos seus princípios, na linguagem asséptica da discussão racional, significa não apenas dar por existente uma separação entre teoria e prática que provavelmente nunca existiu, mas também exonerar o próprio discurso, a própria palavra, não dos efeitos que, de qualquer forma, sofrem ou induzem, mas do fardo da responsabilidade para com si mesmo.

Daí decorre, pelo menos, uma terceira consequência. E ela diz respeito, justamente, aos processos que estão afetando a universidade e, portanto, também a filosofia, dado que esta é cultivada disciplinarmente, particularmente na Itália, quase que exclusivamente em seu âmbito interno. Vastas transformações vêm, há anos, afetando a universidade em nível global como efeito da nova gestão pública neoliberal nesse amplo espectro que vai desde as “reformas” que, na Europa, tendem a privatizá-la, até sua reincorporação direta sob controle político, como evidentemente tentam fazer Trump e as forças tecnodireitistas pós-neoliberais. Trata-se de processos que expressam uma conotação bastante unívoca, sobre a qual não cabe insistir neste

momento. O que é bastante evidente, no entanto, é a oscilação dos universitários entre o desânimo do professor titular mais velho, que não se reconhece mais na universidade e testemunha a devastação da instituição tal como a conhecia, e a *Schadenfreude* do doutorando ou do pesquisador precário, que, agora excluídos para sempre, pelo menos aparentemente, do acesso aos cargos da universidade, vivem com distanciamento irônico a lamentação cansada daqueles que, de dentro dela, se veem submetidos a avaliações, cortes salariais e de verbas de pesquisa, e têm dificuldade em encontrar um motivo para seu trabalho, dada a evidente insignificância social a que ele foi relegado.

Como forçar a situação senão colocando novamente no centro, pelo menos no que nos diz respeito, as políticas da filosofia? Por um lado, trabalhando sobre o sistema de oportunismos, compromissos e, em alguns casos, autênticas covardias, aos quais a filosofia se submeteu historicamente ao longo de sua institucionalização como sabedoria da universidade: a filosofia como mero “funcionariado”.

Por outro lado, questionando-nos novamente sobre que tipo de filosofia é, ao contrário, necessária; qual é o núcleo incandescente de um saber sempre capaz de sustentar o conjunto de processos que o atravessam, e que o atravessam também na passagem dentro da universidade, uma vez que se possa dar como certo que não existe uma exterioridade na qual o pensamento possa se refugiar e declarar sua imunidade.

Muitas dessas coisas, se não – agora talvez eu possa dizer – todas, eu as extraí de Foucault. E, pelo menos no meu caso, elas me foram decididamente úteis não apenas para organizar minha pesquisa nos últimos

anos, mas também para colocar em seu centro a questão do que significa estar, como professor, na universidade. As duas coisas vão necessariamente juntas se, como aliás fazia Foucault, nos esforçarmos por manter unidas, em nosso trabalho cotidiano, a investigação sobre a realidade e suas condições de possibilidade, com a responsabilidade política por nós mesmos e pelo nosso posicionamento dentro dessa mesma realidade que, justamente por ter se constituído historicamente em virtude de uma seleção dos possíveis, contém, inalteradas, outras possibilidades.

Foucault, seguindo Nietzsche, dizia que é preciso ser capaz de colocar em ação, simultaneamente, o “olhar de águia” do genealogista e o “olhar de toupeira” do erudito, se, como me parece indispensável fazer, o trabalho do filósofo é o de colocar em movimento, de “acontecimentalizar”, como dizia Foucault, aquilo que tende a ser assumido como definitivo, consumado, universal ou necessário. É dentro dessa determinação – que faz do trabalho intelectual, antes de tudo, uma escavação sob os próprios pés (investigação histórica) e uma problematização do presente e do estatuto de verdade de seus conhecimentos (filosofia) – que se fixa a atitude moderna (ou seja: uma ética, um *ethos*) do pensamento. Foucault retoma esse ponto várias vezes no fim dos anos 70 e o faz com constante referência a Kant. O processo de constituição do sujeito que pensa, do presente em que ele pensa e da forma de pensamento que lhe permite pensar são, dessa forma, atribuídos a uma dimensão integralmente temporal, totalmente histórica, portanto, segundo a perspectiva adotada por Foucault. O ato de pensar se dá, na modernidade, apenas no trabalho de escavação que o sujeito pensante assume a responsabilidade de conduzir sob

si mesmo, partindo de si e de seu problema. A *Kritik* torna-se, então, uma “investigação”; um procedimento de “acontecimentalização” [*événementialisation*]. Ela não traça os limites da experiência possível nem avalia as estruturas formais da razão, mas se dispõe, uma vez reconstruídas as passagens, as rupturas e as resoluções sempre parciais das relações de força que constituem a história da verdade – aquelas que nos levaram a ser o que somos e que nos situam no presente em que agimos e pensamos –, a se redeterminar na tomada de posição em relação ao tempo em que se pensa e se age, obrigando o pensamento ao confronto com aquilo que, por natureza, não pode ser resolvido nele e que, em relação a ele, permanece irredutivelmente externo: a materialidade dos processos que o produzem como um saber, os conflitos que o envolvem, as matrizes singulares da universalidade.

Trata-se, para mim, de um ponto decisivo em torno do qual posso, portanto, retomar e explicitar algumas das coisas que mencionei há pouco. Uma política da filosofia, no sentido objetivo do genitivo, é vista em ação no processo de constituição do Estado moderno.

Um processo de constituição que, juntamente com a forma de individuação que lhe corresponde, está no centro de *Vigiar e punir*.³ Pelo menos em duas ocasiões, Foucault destaca, em seu livro, como o efeito de verdade das teorias do jusnaturalismo moderno – de Hobbes a Rousseau, poder-se-ia dizer – concretiza-se graças ao trabalho obscuro de especialistas em treina-

3 M. Foucault. “Surveiller et punir”, *Œuvres II*. Édition Publiée sous la direction de Frédéric Gros, avec, pour ce volume, la collaboration de Philippe Chevallier, Daniel Defert, Bernard E. Harcourt, Martin Rueff, Philippe Sabot et Michel Senellart. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 2015, p. 474 [ed. bras. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987]. [N. T.]

mento militar, professores ou técnicos da educação. Que a sociedade deva ser defendida é um princípio fundador das teorias do contrato social e da soberania moderna, e o subjugamento ao lobo hobbesiano é necessário para sua recodificação disciplinar como sujeito de direito. Mas isso não ocorre, como a história da filosofia frequentemente sugere, nem por simples efeito da teoria, nem por uma tendência “progressiva” inercial da história. É necessário que a filosofia passe à ação e que seus códigos – conceitos, problemas, categorias – entrem em circulação como autênticos dispositivos estratégicos na batalha pelo controle e pela produção da subjetividade. São os corpos a serem disciplinados e as almas a serem identificadas, destilados uns e outras da multidão indisciplinada e relutante ao trabalho que lota aquela *Place de Grève*, onde se consuma o suplício de Damiens – “*se mettre en grève*” [entrar em greve] ... –, o objetivo ao qual se voltam tanto os conhecimentos dos especialistas em disciplina quanto os teóricos do contrato social. A filosofia faz-se literalmente política na medida em que delimita os campos, os objetivos estratégicos e as práticas que impulsionam os processos de codificação moderna do direito e de “estatização” da política, correlatos à fase de acumulação primitiva de capital. Acredito que se possa facilmente demonstrar, apesar de quem o julga como um filósofo antimarxista, que o Foucault de *Vigiar e punir* trabalha seguindo as pegadas do Primeiro Livro de *O capital*.

Mas há também o lado subjetivo do genitivo. A pesquisa de Foucault, neste livro, mas também e sobretudo nos cursos que ministrou nos anos imediatamente seguintes no *Collège de France*, é, como sempre, aliás, pesquisa filosófica, na medida exata em que é também pesquisa política. Já tenho idade suficiente

para lembrar que, naquela época, nenhum de nós levava muito a sério a revolução neoliberal impulsionada pelas políticas de Margaret Thatcher e Ronald Reagan. De forma autocrítica, devo reconhecer que tratávamos, em grande parte, a ordem do discurso neoliberal como um incidente grosseiro e vulgar na história do pensamento. Foucault, ao contrário, não. É o olhar vertical do genealogista que lhe permite perceber como tudo estava mudando rapidamente. E são os olhos de toupeira do historiador que lhe permitem captar, por meio do conceito de governamentalidade, as continuidades que estruturam seu conteúdo – desde a literatura antimaquiavélica sobre a razão de Estado até as ciências policiais, do ordoliberalismo alemão ao neoliberalismo de Chicago –, assim como os pontos de ruptura que as lógicas governamentais vêm determinando tanto com o projeto de disciplinamento dos corpos individuais e do corpo coletivo – que havia atingido seu apogeu na sociedade-fábrica fordista – quanto com o projeto jurídico e constitucional da democracia representativa. Não que o Estado deixe de existir, obviamente. Mas ele se transforma em um sentido pós-democrático e governamental, atendendo a planos de eficiência econômica e estratégias de empresarialização em massa que haviam sido elaborados alguns anos antes pelos *think tanks* conservadores para acalmar o excesso de *claims* e reivindicações subjetivas que abalaram as democracias ocidentais a partir de meados da década de 1960.⁴ Já que não era possível alcançar o objetivo dessa forma, chegou-se a ele por meio de ditaduras militares, como,

4 Se algum de vocês me perguntasse, penso em particular no relatório elaborado por Michel Crozier, Samuel P. Huntington e Joji Watanuki para a Comissão Trilateral (M. Crozier; S. P. Huntington; J. Watanuki, *The Crisis of Democracy: Report on the Governability of Democracies to the Trilateral Commission*, New York, New York University Press, 1975, p. 163-164).

aliás, vocês bem sabem na América Latina. Em ambos os casos, o problema era uma profunda reestruturação do campo político e, de certa forma, a “superação” da democracia formal.

É nesse terreno que Foucault pretende intervir. O que determina a reorganização de sua pesquisa após *Vigiar e punir* – não vejo rupturas entre os cursos sobre biopolítica, as muitas intervenções desses mesmos anos dedicadas à genealogia do ato de governar e os estudos sobre a filosofia antiga em busca de estratégias de subjetivação irredutíveis ao individualismo disciplinar moderno e estruturadas, ao contrário, como autênticas formas de vida – é a necessidade de se posicionar criticamente em um presente em rápida transformação. O saber não serve para compreender, mas para tomar posição, lembrava, aliás, Foucault, resumindo nessa frase uma autêntica ética e uma autêntica política do trabalho intelectual, em uma entrevista de 1977 concedida ao *Le Monde*. O próprio da genealogia, por outro lado, é “fazer as diferenças” – ou seja: captar o que está em constante modificação e mutação, já que algo como *O Poder*, com letra maiúscula ou substantivado, não existe e não há ninguém que detenha seu monopólio – e é fazer as diferenças para poder atualizar mapas de navegação e instrumentos de intervenção no presente.

Em um texto muito importante, a palestra *The Subject and the Power*, de 1982,⁵ Foucault explica de maneira muito clara como seu trabalho de pesquisa sempre

5 M. Foucault, *Le sujet et le pouvoir* (1982), in *Dits et écrits II, 1976-1988*, Édition établie sous la direction de D. Defert et F. Ewald avec la collaboration de J. Lagrange, Gallimard, Paris 2001, p. 1041-1062 [ed. bras.: M. Foucault. O sujeito e o poder. In: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade: ditos e escritos IX*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140]. [N. T.]

esteve marcado pela tensão em torno do problema da subjetivação e não do problema do poder, e como eram justamente as linhas de fuga da liberdade aquilo que o poder, ao persegui-las, esforçava-se por capturar, modificando ininterruptamente seus próprios aparatos. Nesse terreno, Foucault não apenas retoma sua relação com Deleuze (e Guattari), mas também demonstra o quanto havia sido influenciado pelo marxismo operáista italiano. Entendida no sentido do genitivo subjetivo, a política da filosofia não é a simples concretização da relação entre saber e poder – esse é, antes, o sentido objetivo do genitivo, aquele que o genealogista pretende restituir como história da verdade –, mas é, antes, prática crítica e prática imediatamente funcional aos projetos de libertação coletiva.

É isso, creio eu, o que orienta toda a pesquisa de Foucault, pelo menos a partir do momento em que ele integra a genealogia (ou seja, a história do poder) à arqueologia. O poder é uma relação, exatamente como o é a relação de capital, e, assim como o capital, não possui um “fora”. E é partindo dessa premissa que Foucault redefine o sentido da função crítica, uma vez que ao intelectual não é concedida nem a posição de visão panorâmica sobre a realidade – que é tradicionalmente subentendida como premissa implícita para o desempenho de sua função – nem a universalidade com a qual, sempre tradicionalmente, o julgamento crítico é investido.

O que chamamos de “poder” é, na verdade, a combinação de algo que busca exercer-se sobre aquilo que lhe resiste e de uma resistência que modifica continuamente as condições de seu exercício. O “poder” nunca se exerce como um monopólio.

Nesta ocasião, citei várias vezes *Vigiar e punir*. Pois bem, também ali, na extraordinária abertura de um livro sem introdução, sem o clássico (e narcisista) “meu propósito é analisar” ou “a tese que pretendo demonstrar”..., sem nada que preceda o surgimento do plano de imanência traçado pela relação de poder, também ali, no cenário terrível do suplício de Damiens, estão em cena a resistência e sua potência mais do que o próprio poder. Isso geralmente passa despercebido. Mas deve haver um motivo para que, entre todos os relatos possíveis do cadafalso e da execução capital, Foucault escolha dos arquivos aquele em que o corpo do torturado não se quebra, atrapalhando assim a liturgia sagrada da vingança do soberano; e se, como aliás é possível constatar nas fontes da época, às vezes – se não com muita frequência –, pelo menos segundo Bernard Mandeville, o corpo coletivo da multidão usa a execução como uma oportunidade para zombar da lei e continuar a delinquir, em vez de desempenhar o papel que lhe foi atribuído na peça:⁶ um texto realmente importante, creio eu, para compreender o sentido da obra de Foucault. Disciplinar o corpo será exatamente a tarefa que um diferente jogo de poder assumirá para “produzir” indivíduos dóceis a serem entregues ao novo projeto de sociedade do trabalho. E mesmo quando fala de biopoder e de biopolítica, que outros interpretaram como uma extensão imparável do poder, o que Foucault coloca em questão é, na verdade, o dispositivo de captura acionado para neutralizar a resistência daqueles que, de fato, contestavam abertamente a

6 B. Mandeville, M. D. *An Enquiry into the Causes of the Frequent Executions at Tyburn: and A Proposal for some Regulations concerning Fellows in Prison, and the good Effects to be Expected from them. To which is Added, A Discourse on Transportation, and a Method to render that Punishment more Effectual*. London, Printed: And Sold by J. Roberts in Warnick-Lane. MDCCXXV. [N. T.]

sociedade do trabalho e da disciplina. Foucault escreve isso explicitamente em *A vontade de saber*,⁷ em páginas que não foram suficientemente valorizadas pela crítica: as lutas que começaram no fim do século XIX não são mais lutas voltadas simplesmente para reivindicar direitos, mas são lutas – e para mim é óbvio que ele tem em mente as lutas das mulheres, dos ecologistas japoneses e alemães, a recusa ao trabalho da geração revolucionária pertencente ao que foi chamado de o longo 1968 italiano e francês – são lutas, como eu dizia, que têm em jogo e como objetivo a vida. E não a vida sem qualificação, como outros talvez diriam, mas a vida entendida, e cito, como: “necessidades fundamentais, essência concreta do homem, realização de suas virtualidades, plenitude do possível”.⁸ É a potência, a pura potência do possível, o querer ser tudo o que podemos ser, que define a diferença entre biopolítica e biopoder.

Certamente não tenho tempo para aprofundar o último tema que mencionei. Lembro que aqui, no Brasil, foi publicada recentemente a tradução do meu livro, pela qual sou grato ao meu amigo fraterno e colega Augusto Jobim do Amaral. Posso, portanto, remeter a ele quem estiver interessado em compreender melhor o que tenho em mente. Mas também posso concluir dizendo que aquilo a que chamei de “política da filosofia” caracteriza profundamente o trabalho de pesquisa que conduzi pessoalmente sobre os conceitos

7 M. Foucault, *Histoire de la sexualité 1, La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976 [ed. bras. M. Foucault. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988]. [N. T.]

8 “ce qui est revendiqué et sert d'objectif, c'est la vie, entendu comme besoins fondamentaux, essence concrète de l'homme, accomplissement de ses virtualités, plénitude du possible”, M. Foucault, *Histoire de la sexualité 1, La volonté de savoir*. p. 191. [N. T.]

e os saberes da política, assim como marcou e continua a marcar meu trabalho no campo daquilo que, no debate internacional, é chamado de *critical theory*. O que aprendi com Foucault – e o que aprendi com Max Weber, antes dele – é, ao mesmo tempo, uma ética do trabalho intelectual e uma ética política, se por política se entende não tanto o que decorre do Estado e de suas categorias – o campo disciplinar e acadêmico da filosofia política –, mas o que diz respeito ao poder e à prática da liberdade e da libertação. Não há livro que Foucault tenha escrito, palestra que tenha proferido ou curso que tenha ministrado, pelo menos a partir da década de 1970, que não seja motivado por uma política da verdade e por uma urgência imediatamente política. Seus livros devem ser entendidos como instrumentos de luta, como ele teve várias vezes a oportunidade de reivindicar.

Os temas, argumentos e conceitos que neles são desenvolvidos são escolhidos a partir do presente e de seus problemas e colocados em contraposição com sua história. Pois, se a história e as lutas que nela se desenrolaram implicaram uma seleção dos possíveis e a realidade se articulou de uma determinada maneira, os possíveis não se esgotaram e a história sempre pode seguir outro caminho, uma vez que tenha sido desconstruída de seu curso aparentemente necessário e, como diz Foucault, tenha sido “acontecimentalizada”. Bem, para concluir, acredito que essa seja a lição a ser tirada. Não porque todos devam estar politicamente engajados, mas para que cada um e cada uma de nós leve a sério a posição que lhe é atribuída, mesmo ao começar um projeto de pesquisa ou ao escolher o tema para um seminário. Uma política da filosofia está, de qualquer forma, implícita mesmo quando decidimos

nos deixar levar pelas rotinas do trabalho acadêmico e, sem nos darmos conta, contribuímos passivamente para a transmissão de uma certa ideia – a dominante ou neoliberal – do trabalho intelectual.

No que me diz respeito, trata-se de subverter esse papel, assumir o próprio desejo e praticar subjetivamente uma política da filosofia. Isto, no fundo, nada mais significa do que escolher temas, construir conceitos, traçar genealogias e interpretar textos à altura dos mais elevados critérios do trabalho acadêmico, sem perder de vista as urgências e os problemas do presente em que vivemos. Um presente em que a liberdade é mantida como refém e a violência se alastrou. Lembrar-se disso ao decidir começar uma pesquisa é a condição mínima a ser levada em consideração. E não apenas para quem pratica a filosofia, ao que me parece. Nesse sentido, lembrar-se de Foucault e de sua pesquisa não pode ser apenas um interesse antiquário.

Sandro Chignola



Sandro Chignola. Professor titular de Filosofia Política entre 2008 e 2011 e professor de Filosofia Política entre 2004 e 2008, é professor visitante na Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), em Buenos Aires, desde 2012. Doutor em História do Pensamento Político e das Instituições Políticas pela Universidade de Turim (1987-1990), graduou-se em Filosofia pela Universidade de Pádua em 1984. É membro do conselho editorial da revista *Filosofia Política*; do Conselho Científico da *Res Publica*. *Revista de Filosofia Política*; do conselho assessor internacional da *Dorsal*. *Revista de Estudios Foucaultianos*; e dos conselhos editoriais das revistas *Politica e società*, *Conceptos Históricos*, *Cahiers GRM*, *Scienza & Politica* e *Materiali Foucaultiani*. Atua como diretor, pela Universidade de Pádua, do Centro Interuniversitário de Pesquisa sobre o Léxico Político e Jurídico Europeu (CIRLPGE), integrante do Centro de Pesquisa sobre as Instituições Europeias (CRIE), em Nápoles, além de ser conselheiro da Eric-Voegelin-Gesellschaft, em Munique, Alemanha. Foi contemplado com bolsas de pesquisa do Istituto Banfi (1986) e do Goethe-Institut, em Berlim (1987). Realizou pesquisas de pós-doutorado no Departamento de Estudos Políticos da Universidade de Turim (1993-1995), na École Normale Supérieure de Fontenay-Saint-Cloud, em Paris (1996), e no Departamento de Filosofia da Universidade de Pádua (1999-2003). Como professor visitante, lecionou na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris (2002), na UNSAM, em Buenos Aires (desde 2012), e na Universidade de Córdoba (2013). É membro da direção do Programa de Doutorado em Filosofia da Universidade de Pádua e do Comitê de Pilotagem do Programa Europeu de Doutorado *Europhilosophie*.

ENTREVISTAS DO IHU COM SANDRO CHIGNOLA

- [O fascismo que se reinventa e a dimensão pós-representativa da política contemporânea. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [“O mundo neoliberal é decisivamente re-hierarquizado, em que o 1% detém 99% da humanidade sob a chantagem da dívida”. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [Uma antropologia processual para pensar novos sujeitos e o comum. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [“É preciso reinventar a democracia à altura do século XXI”. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [Foucault, Agamben e Deleuze – Provocações, genealogia e debates com Sandro Chignola](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Érida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza



- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atílio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bôe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella

- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hendler
- N. 397 Simondon Cósmico - Gilbert Simondon e Thiago Novaes
- N. 398 Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão cínica nas juventudes - lael de Souza

 UNISINOS